

QUARTETA

MULHERES QUE PINTAM

Daniela Santa Cruz
Karin Cagy
Mirta
Paula Boechat

Curadoria:
Luana Aguiar

Quando se trata de uma reunião de mulheres pintoras, é preciso lembrar dos desafios e silenciamentos a que foram submetidas ao longo da história da arte. O primeiro deles foi em relação às suas formações. Sabe-se que por muito tempo elas não eram aceitas nas academias de arte, sendo um dos motivos para tal, o ensino através do modelo vivo e o contato com o corpo nu, algo considerado inapropriado às mulheres. No Brasil, apenas ao fim do século XIX elas foram aceitas na Escola Nacional de Belas Artes. Tais limitações não impediram, contudo, que algumas mulheres estudassem e produzissem arte, uma vez que uma opção às suas formações era o ensino em ateliês privados. O acesso, porém, a esses ateliês era limitado às elites. Além disso, quando as mulheres artistas adquiriam alguma notoriedade, eram frequentemente categorizadas pela crítica especializada como diletantes ou amadoras e, por conseguinte, apagadas pela história da arte oficial. Graças a uma historiografia feminista da arte, vivenciamos atualmente um momento em que inúmeras mulheres artistas têm sido redescobertas.

Toda essa herança é bastante recente e se tornar uma mulher artista é, ainda hoje, algo pleno de desafios. É por essa razão que pontuo aqui a importância de uma reunião aos moldes de QUARTETA, uma celebração de quatro mulheres cisgênero e mães, Daniela Santa Cruz, Karin Cagy, Paula Boechat e MIRTA que decidiram se unir e expor, em conjunto, seus trabalhos em pintura. A mostra tem como pano de fundo o encontro dessas quatro mulheres artistas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, um reconhecido espaço de formação livre e experimentação pictórica, base do movimento de retorno à pintura da Geração 80, do qual essa exposição também descende.

Daniela Santa Cruz, Karin Cagy, Paula Boechat e MIRTA possuem uma vasta produção pictórica. A maioria das obras apresentadas nesta mostra são recentes. Na expografia, optamos por adotar o princípio da contaminação, ou seja, evidenciamos relações ora de contraste ora de proximidade entre os trabalhos, seja pela paleta, pela materialidade ou por meio das figurações. Tais relações foram feitas de modo a distanciar a exposição, em certa medida, da noção de cubo branco, esta pautada por um grau maior de respiro entre as obras de acordo com concepções essencialmente formalistas da arte.

Na entrada do Estúdio Ipê, local de trabalho de Paula Boechat, recebemos o público com obras que celebram o corpo e a paisagem, um conjunto de atmosfera carnal. Na parede maior do Estúdio, se encontram as obras abstratas e em maior escala de Daniela Santa Cruz e Paula Boechat. É presente ali a referência a elementos da natureza como terra, fogo, água e vento. As obras de ambas as artistas se conectam à tradição abstrata informal que tem no Brasil inúmeros representantes a partir dos anos 50, sendo o gesto e a subjetividade das artistas chaves primordiais de leitura. Daniela Santa Cruz, por exemplo, parte de suas experiências pessoais na infância e juventude para criar geografias de uma terra nordestina imaginária, de modo a tratar, simbólica e abstratamente, de marcas de suas memórias. O uso de material orgânico, além do tradicional, é um aspecto importante de seu trabalho. Ainda no espaço principal do Estúdio, à esquerda, apresentamos as pinturas de Karin Cagy, MIRTA e as obras em técnica mista sobre papel de Paula Boechat. Karin Cagy retrata mulheres maduras rompendo certos estereótipos de forma a ir na contramão da dinâmica do etarismo, este que vem como mais uma marca da opressão social sofrida pelas mulheres. Seus retratos são plenos de detalhamento, sobretudo em relação aos tecidos das vestimentas e acessórios utilizados por suas personagens, uma referência direta ao seu passado como estilista. MIRTA tem seu passado e seu presente marcados pelo campo da

psicanálise, como analisanda e psicanalista. A artista transita pela figura humana e pelas paisagens, ou pela figura humana relacionando-se oniricamente com a paisagem, com certa atmosfera de mistério tal como as figurações surrealistas com certos traços românticos. Além disso, seu processo é bastante influenciado pela noção de automatismo em relação à composição, noção exploradas pelos surrealistas e abstratos informais. Tal automatismo compositivo e gestual, bem como a imposição das cores se destacam na obra de Paula Boechat. Os resquícios das pinturas em larga escala de Paula, aliás, formam novas composições, como um tipo de microcosmo explorado pela artista que, além das experiências em pintura, teve uma intensa passagem pelo campo da performance nos anos 2000.

Se o pensamento patriarcal, sobretudo no século XIX e início do XX, tratou as mulheres como não dotadas de “gênio artístico”, relegando-as a simples imitadoras cujos corpos eram delicados, sensíveis e potencialmente doentes, hoje experimentamos a massificação dos movimentos feministas e um vasto número de mulheres que se autorizam a serem artistas. QUARTETA é uma exposição que vem para afirmar que não se pode perder de vista a manutenção de nossas conquistas, que certas batalhas foram vencidas, mas que muito ainda necessita ser feito em relação à luta por nossos direitos, espaços e narrativas e, ainda, pelos direitos, espaços e narrativas daquelas que ainda não puderam romper com seus silêncios.

Luana Aguiar, dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS:

Agradecimento especial ao Professor Luiz Ernesto

Bia Sampaio (comunicação)

Ari Kaye (fotografias)

Fábio Martis (montagem)

Márcio Ribas (iluminação)

Christian Machado (produção)



www.artsy.net/chegamos

APOIO

